

**CONGRESSO INTERNACIONAL DO MEDO, DE GRACE PASSÔ: UMA  
CRÍTICA À RAZÃO ARGUMENTATIVA**

**CONGRESSO INTERNACIONAL DO MEDO, BY GRACE PASSÔ: A  
CRITICISM TO THE ARGUMENTATIVE REASON**

Wagner Corsino Enedino<sup>1</sup>  
Rômulo Gomes Baena<sup>2</sup>

“Provisoriamente não cantaremos o amor,  
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,  
não cantaremos o ódio porque esse não existe,  
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,  
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,  
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,  
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,  
depois morreremos de medo  
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.”  
(Carlos Drummond de Andrade)

**RESUMO**

Por meio das contribuições de Vladimir Safatle (2018) concernentes aos processos de argumentação; nos estudos de Jacques Derrida (2008) no que diz respeito ao aspecto místico que permeia a autoridade; nos estudos de Armando Mora sobre o percurso epistemológico do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein e nas pesquisas desenvolvidas por Antônio Suárez Abreu (2008) no que tange à arte de argumentar, o presente trabalho propõe uma análise do drama contemporâneo *Congresso internacional do medo*, da atriz, diretora e dramaturga Grace Passô (2008). Nesse sentido, partindo dos mecanismos de elaboração do texto dramático, buscamos desenvolver uma leitura (possível) cujo tema repousa na arte da razão e da argumentação. Com efeito, intentamos produzir um mapeamento de recursos retóricos presentes à construção poética e estética da obra em questão; buscando, a fórceps, ponderar sobre a problematização do debate e do diálogo como ferramentas de busca de consenso entre as personagens.

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: [wagner.corsino@ufms.br](mailto:wagner.corsino@ufms.br)

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: [romulo.baena@ufms.br](mailto:romulo.baena@ufms.br)

**Palavras-chave:** Dramaturgia Brasileira; Grace Passô; *Congresso internacional do medo*.

## ABSTRACT

Through the contributions of Vladimir Safatle (2018) concerning argumentation processes; in the studies of Jacques Derrida (2008) with regard to the mystical aspect that permeates authority; based on Armando Mora's studies on the epistemological journey of the austrian philosopher Ludwig Wittgenstein and on research carried out by Antônio Suárez Abreu (2008) regarding the art of arguing, this paper proposes an analysis of the contemporary drama *Congresso Internacional do medo*, by the actress, director and playwright Grace Passô (2008). In this sense, starting from the elaboration mechanisms of the dramatic text, we seek to develop a (possible) reading whose theme rests on the art of reason and argumentation. Indeed, we intend to produce a mapping of rhetorical resources present in the poetic and aesthetic construction of the work in question; seeking, by forceps, to consider the problematization of debate and dialogue as tools to search for an consensus for the characters.

**Keywords:** Brazilian Dramaturgy; Grace Passô; *Congresso internacional do medo*.

## Introdução

O intuito deste artigo é analisar o texto dramático *Congresso internacional do medo*, escrito colaborativamente pelo Grupo Espanca!, sob direção de Grace Passô<sup>3</sup>, que assina, assim, sua dramaturgia, e teve sua estreia em 2008, no Teatro Klauss Vianna (Belo Horizonte/MG). Prática corrente na dramaturgia contemporânea, esse tipo de criação se desenvolve por meio dos ensaios, criando um enredo dramaturgico que vai da cena (*showing*) ao texto (*telling*), e não o contrário.

Temos ao fim, entretanto, um texto dramaturgico, cujas características literárias, bem como os temas e ambientação nos possibilitam aqui uma narrativa e textual, passando pela observação de suas características dentro do gênero drama. Neste sentido, buscamos identificar mais detidamente a problematização referente ao uso do recurso da

---

<sup>3</sup> A mineira Grace Passô é dramaturga e roteirista, além de atriz e diretora no teatro e no cinema, tendo suas obras marcadas pela linguagem metafórica e pela autorreflexividade da arte. Entre suas várias premiações, destacam-se o Troféu APCA (2005) e o Prêmio Shell (2006), pela dramaturgia de *Por Elise* (2005), o Prêmio Shell (2016) pela dramaturgia de *Vaga Carne* (2016), o prêmio de melhor atriz no Festival de Cinema de Brasília (2018) pelo filme *Temporada* (2018), e o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro para o seu curta-metragem *República* (2020). Funda, em 2004, o Grupo Espanca!, em Belo Horizonte/MG, junto ao qual produz por dez anos, criando coletivamente as obras *Por Elise* (2005), *Amores Surdos* (2006), *Congresso Internacional do Medo* (2008), *Marcha Para Zenturo* (2010), *Delírio em Terra Quente* (2010), além de ter atuado na peça *O Líquido Tátil* (2012), escrito e dirigido por Daniel Veronese.

argumentação de viés racionalista como ferramenta central na busca de consensos entre as personagens.

Para essa análise literária, partimos dos conceitos expostos por Vladimir Safatle, em seu *É racional parar de argumentar* (2018), bem como os estudos desenvolvidos por Jacques Derrida (2008), Armando Mora D'Oliveira (1999) e Antônio Suárez Abreu (2008). Desta forma, o esforço analítico do texto literário aqui empreendido recairá na observação do desenvolvimento do tema do racionalismo - e sua negação - como elemento central dos jogos de linguagem.

### **Racionalismo e argumentação: um breve apontamento**

Em sua obra *É racional parar de argumentar*, Vladimir Safatle (2018) busca discutir o limite do diálogo e argumentação, amplamente observados como o centro de uma sociedade racional, buscando demonstrar a implícita violência que os marca. Retomando o pensamento do filósofo franco-argelino Jacques Derrida, Safatle (2018, p. 127) observa que essa busca pelo consenso do diálogo parte de um autocentramento. Busca-se, desse modo, que o outro fale a “minha língua”, fazendo referência a uma gramática comum. Esta língua, ele aponta, trata-se do “conjunto de valores, a gramática que organiza minha sintaxe, a compreensão do que é um enunciado válido ou não” (SAFATLE, 2018, p. 128). Coloca-se, assim, em questão, a permanência de um critério valorativo de autoridade sobre o que pode ou não ser “dito”, o que seria “certo” ou “errado”, “relevante” ou “dispensável”.

De acordo com Derrida (2007, p. 26), “[...] já que a origem da autoridade, a fundação ou o fundamento, a instauração da lei não podem, por definição, apoiar-se finalmente senão sobre elas mesmas, elas mesmas são uma violência sem fundamento”. Com efeito, pode-se perceber a impertinência de uma abordagem única, que pressupõem sempre haver um conjunto comum de valores passível de ser atingido por meio do uso ordinário da linguagem. Em mesmo sentido, segundo Safatle (2018, p. 128), isso implicaria “aceitar que haveria uma similitude estrutural entre aquilo que poderíamos chamar ‘usos simples’ e ‘usos complexos’ da linguagem”.

Enquanto os “usos simples” da linguagem dariam conta de tudo que é senso comum, ou seja, tudo que o posso partilhar socialmente de modo relativamente simples, os “usos complexos” seriam os “[...] processos comunicacionais onde entro em

*Revista de Letras Norte@mentos*

discussão a respeito da natureza e do sentido de valores complexos, como valores morais e políticos” (SAFATLE, 2018, p. 129). Nessa distinção reside o limite, uma vez que, como demonstra Safatle, pedir para alguém fechar uma porta, exemplo de “uso simples” da linguagem, possibilita um tipo de consenso que um debate sobre a revolução soviética - pensando os “usos complexos” - não oferece com tanta tranquilidade. Ocorre, todavia, que, para Wittgenstein, a linguagem “[...] funciona em seus usos, não cabendo, portanto, indagar sobre os significados das palavras, mas sobre suas funções práticas” (D’OLIVEIRA, 1999, p. 14).

Em mesmo sentido, Safatle (2018, p. 131), remetendo a Wittgenstein, aproxima a lógica da linguagem e argumentação à lógica interna dos jogos, em que “à medida que o jogo se desenrola, os lances [...] ficam mais complexos”. Com isso, a clareza dos fundamentos do jogo se nebula, em seu processo interno de complexização. Colocando isso no plano mais estritamente social, Safatle (2018, p. 133), aponta que “[...] nossas sociedades são estruturalmente antagônicas, e a divisão é sua verdade. Pois julgamos a partir da adesão a formas de vida, e o que nos distingue são formas diferentes de vida”. Desse modo, não seria possível o consenso de questões complexas por meio unicamente de uma lógica racional de argumentação.

Nessa encruzilhada, vê-se o limite da comunicação e o diálogo como agentes puros do desenvolvimento de consensos. Entretanto, como aponta Safatle (2018):

Seria importante lembrar que nem todos os modos de circulação da linguagem se resumem ao diálogo e à comunicação. A palavra circula na experiência estética do poema, na experiência analítica da clínica e mesmo nas conversões de toda ordem não argumenta nem comunica. Ela instaura, ela mobiliza novos afetos e desativa antigos, ela reconstrói identificações, em suma, ela persuade com uma persuasão que não se resume à explicitação de argumentos, e isso vale também para os verdadeiros embates políticos. O que nos falta não é diálogo, mas encontrar a palavra nessa sua força instauradora (SAFATLE, 2018, p. 133)

Com isso, Safatle traz a contribuição de Bento Prado Júnior, para o qual esses jogos de linguagem não seriam neutros mecanismos de busca pela “verdade”, mas, acima de tudo, instrumentos de persuasão. Assim, o fundamento do racionalismo dá espaço ao patético (*pathos*), concluindo que “[...] o que nos persuade não é exatamente a

*Revista de Letras Norte@mentos*

verdade de uma proposição, mas a correção de uma forma de vida que ganha corpo quando ajo a partir de certos critérios e admito o valor de certos modos de conduta e julgamento” (SAFATLE, 2018, p. 135). Nessa outra forma argumentativa, o que se coloca no centro não são os critérios valorativos fundados nas abstrações filosóficas de “verdadeiro” e “falso”, ou “certo” e “errado”, mas sim as afecções. Como propõe Abreu (2008, p. 15), “[...] persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir”. Mais distanciado do crivo tradicional da razão, essa forma persuasiva constitui-se como saída para a resolução de questões complexas, pois o que pode se colocar aqui - a depender de seu uso - não é necessariamente a busca pela persuasão subjugadora, mas a abertura de um movimento de linguagem que amplie os espaços da razão a partir da compreensão de circuitos de afetos.

### **Uma análise (possível) em cena**

Partindo da leitura do poema homônimo de Carlos Drummond de Andrade, utilizado como *leitmotiv* inicial para o processo de criação coletiva, a dramaturga Grace Passô e o Grupo Espanca! colocam, em cena, seis personagens de distintas partes do mundo, em um congresso: Doutor José, habitante de uma pequena ilha que se move inexplicavelmente pelo oceano Atlântico; Tugavo Tapbista, habitante de Nhanpenha; Reluma Divarg, habitante da República da Mínia e estudiosa da temática do medo em contos de fadas; Trumak e Payá, indígenas brasileiros, sendo os dois últimos sobreviventes dos Ayritã; e a Tradutora do congresso.

Sabe-se que um congresso se trata de um evento cujos representantes de várias regiões e/ou autoridades de determinadas áreas de conhecimento, reúnem-se para discutir questões de interesse comum, buscando, em geral, um consenso ou avançar no encaminhamento de ações - mais ou menos - coletivamente organizadas. Para isso, parte-se, fundamentalmente, do discurso, de caráter expositivo e argumentativo, e do debate entre as partes envolvidas. Em seu prólogo à obra, Grace Passô já sinaliza as grandes questões que os levaram à produção da peça, bem como o universo de temas com os quais nos defrontamos em sua leitura:

Escrevi este texto paulatinamente, dentro da sala de ensaio, texto escrito por dez dedos, vinte pernas, vinte braços, muitos ventres, ancas, pensamentos, gritos e sussurros. Escuta a filosofia da morte, imponente, cavalgando sobre um quadrúpede esguio. A morte segue

*Revista de Letras Norte@mentos*

trotando, linda, poderosa, mantra da matéria. Os filósofos olham a morte, buscam palavras, não as encontram. Encontram, sim, algumas frases parcas, e as soltam ao vento, para construir alguma forma no mundo: linguagem. *Congresso Internacional do Medo* é uma ode à linguagem. E eu sempre suspiro quando os congressistas filosofam entre si, sussurrando, para não acordar a criança (PASSÔ, 2008, p. 08).

O congresso, que aqui se coloca, tratará da temática do medo. Nesse aspecto, por implicações de seu tema, terá um caráter filosófico. Como percebemos no disposto por Passô, entretanto, os pensadores que compõem esse evento não parecem dar conta, por meio da sua busca retórico-argumentativa, do problema central que se coloca. As palavras, mesmo organizadas por uma pluralidade de enunciadores - e qualificados para tal, no sentido amplamente aceito de autoridade - não encontram sentido, enquanto a morte segue forte e intacta. Não se trata obviamente de qualquer negação do diálogo e do debate, menos ainda do trabalho com a linguagem. Como coloca Passô, esta peça é, antes de tudo, uma ode à linguagem. Colocam-se em cena, sim, os limites do racional como elemento argumentativo fundamental para a resolução de conflitos. Essa estafa da argumentação ganha voz em uma passagem épica, na qual a personagem da Tradutora interrompe sua atividade de tradução e dirige-se diretamente ao público, como quem conta um segredo:

**Tradutora:** (*sussurra*) Esse definitivamente é o último congresso em que trabalho. Esses congressos me cansam e vou dizer mais claramente o que eu acho, eu acho que eles me chamam porque é mais barato chamar uma tradutora poliglota do que uma tradutora que fala uma língua só. E eu também me enervo quando dá algum problema e eles olham para mim, como se eu não tivesse sido convidada também. Quando eles chegaram aqui, vieram me perguntando uma série de coisas sobre o evento como se eu o tivesse organizado. Quando eles falaram agora que não sabiam o motivo de estarem aqui, me deu vontade de tomar a palavra e dizer que eu também não sei por que estou aqui. Que eu também me prometi descansar desse trabalho com as palavras. As palavras me cansam. E, sabe, nem tudo é possível traduzir. Quando eu olho algum palestrante que, por algum momento, não sabe bem o que diz, eu acho tão mais significativo do que sair por aí dizendo palavras e palavras tentando nomear algum conceito. Eu conheço esse tipo de evento. Eles ficarão horas e horas tentando conceituar a vida e quando chegaram em suas casas, em seu país, não vão conseguir sequer dizer “boa noite” para alguém de quem sentem mágoa... não sei por quanto tempo ainda ficaremos aqui (PASSÔ, 2008, p. 24).

Nessa altura da peça, uma insatisfação geral com a organização do congresso, já está sendo compartilhada por todas as personagens. A tradutora, entretanto, demonstra mais do que um incômodo pontual, o que se torna compreensível por, pressupomos, ser a personagem mais recorrente nesses eventos, bem como a menos diretamente interessada nas questões que se intenta debater, possibilitando um olhar distanciado. Para ela, as palavras já causam cansaço, e não parecem oferecer qualquer esperança de resolução de conflitos. Pelo contrário, há quase um elogio à dúvida, através dos citados palestrantes que por vezes não sabem o que dizer e, por isso mesmo, parecem expressar algo mais significativo. Além disso, a tradutora coloca em questão o limite da sua própria função nos eventos já que, segundo ela, não existe a possibilidade de traduzir tudo. Esse tema é o epicentro do drama, e já o lemos partindo deste pressuposto, uma vez que temos no supracitado prólogo de Grace Passô:

Já foi a um congresso? Já viu um tradutor ao lado de um palestrante que é uma grande personalidade? Já te passou pela cabeça, por um instante, que aquele tradutor podia estar te traindo? Que podia estar amaciando excessivamente os sentidos, ou simplesmente resolvendo a bagunça que sai da boca da grande personalidade? E, por alguns instantes, não te passou pela cabeça o enorme abismo que existe entre a última palavra do palestrante e a primeira do tradutor? Pois bem. (PASSÔ, 2008, p. 08)

Com efeito, no espaço diegético, tudo o que ouvimos (o mediado pela tradutora) fica suspenso num universo de dúvidas, exceção feita às personagens de Trumak e Payá, indígenas brasileiros falantes da língua portuguesa. De Tugavo Tapbista e Reluma Divarg, temos somente o que a tradutora nos relewa, o que gera uma paradoxal confiança sobre, ao menos, certa literalidade da tradução (haja vista a impossibilidade de desconfiar diretamente, para além das pressuposições). Quanto às falas de Doutor José, temos total acesso, as quais seguidas da tradução. Tomemos, como exemplo, parte da cena em que Doutor José se apresenta e conta sobre o convite recebido para participar do congresso:

**Doutor José:** *(pega uma carta)* Pousava no meu teto até chegar este papel com meu nome; dentro dormiam as seguintes palavras...

**Tradutora:** *(traduzindo Doutor José)* Estava em casa, quando recebi esta carta endereçada a mim, com os seguintes dizeres...

**Doutor José:** *(lendo a carta)* “Você me dê licença”

*Revista de Letras Norte@mentos*

**Tradutora:** *(traduzindo Doutor José)* Caro senhor.

**Doutor José:** “Opal!”

**Tradutora:** *(Traduzindo Doutor José)* Saudações!

**Doutor José:** “Desejamos tirar a roupa querendo gritar sussurrado ao seu ouvido, para que esteja aqui no Congresso Internacional do Medo.”

**Tradutora:** *(traduzindo Doutor José)* É com satisfação que vimos através desta convidá-lo para integrar a mesa do Congresso Internacional do Medo.

**Doutor José:** “Ao senhor, dizemos que muito queríamos sentir o cheiro de seu atraente corpo.”

**Tradutora:** *(traduzindo Doutor José)* Ao habitante desta ilha, reiteramos nosso profundo interesse em ter seu pensamento permeando nossas cabeças, a fim de que elas se embebedem das suas palavras (PASSÔ, 2008, p. 20).

É constante a suspeita de que haveria um problema na tradução das falas de Doutor José, e esta se confirma ao fim, em uma das últimas falas da tradutora antes de sua morte: “*(para Doutor José)* Doutor José, desculpe se não traduzi bem as suas palavras” (PASSÔ, 2008, p. 49). Não sabemos exatamente o motivo para não haver uma boa tradução. Parece-nos oportuno observar duas questões, nesse caso. Pela leitura que fazemos, buscando sempre uma aproximação com a nossa língua, parece-nos que a língua de Doutor José é marcada por uma predominância conotativa, carregada de imagens, metáforas, mais próxima da estética do que da retórica formal e, logo, considerada inadequada para o debate científico. Nesse sentido, haveria uma intervenção direta no âmbito do que e como algo pode ser dito, concordando diretamente com o exposto por Safatle (2018), em que a argumentação depende necessariamente de um tipo de gramática comum. Por outro lado, pode-se colocar também em pauta a impossibilidade geral de tradução da expressão idiomática. Na apresentação da personagem, este já é caracterizado como um “falante de uma língua ainda indecifrada, uma espécie de português às avessas” (PASSÔ, 2008, p. 14). Com isso, coloca-se a impossibilidade mesma da tradução, sendo possível que as justificativas da tradutora sejam apenas uma confissão do seu desconhecimento parcial da língua ou até mesmo uma constrangida confissão dos limites da atividade tradutória.

Partindo para a observação do debate entre as personagens, sobre a temática do medo, podemos ver representado por Passô o que Safatle colocou como o

*Revista de Letras Norte@mentos*



“antagonismo estrutural” das nossas sociedades. Logo que as ideias começam a ser expostas, partem juntas as interpelações e os julgamentos sobre o que seria um argumento válido ou não, ou quais critérios seriam legítimos para apreciar o tema:

**Tradutora:** (*traduzindo Tuscavo*) Eu entendi perfeitamente a senhora. Eu só acho que se esses contos terminassem com a morte, ensinariam mais sobre a vida...

*Reluma responde a Tuscavo.*

**Tradutora:** (*traduz Reluma*) Eu vou tentar ser mais clara: as histórias ajudam as crianças a encontrar sentido para suas vidas, a encontrar...

*Tuscavo a interrompe.*

**Tradutora:** (*traduzindo Tuscavo*) E a senhora sabe lá o que é a vida?!

*Reluma fala.*

**Tradutora:** (*Traduzindo Reluma*) Não menos que o senhor... (PASSÔ, 2008, p. 28)

O conjunto de valores, cultura, modos de vida, e afins, vão tomando o centro do debate progressivamente, tornando cada vez mais nítida a impossibilidade de as personagens chegarem a qualquer tipo de consenso pela via argumentativa. Tuscavo, ao que parece, é um tipo de biólogo ou veterinário, tendo peremptórias noções de vida e morte, por exemplo. Reluma, por sua vez, é uma estudiosa do enredo, observando essas noções no campo simbólico e psicológico. Essas duas personagens - não coincidentemente, cremos, as duas ligadas diretamente ao discurso da ciência e da razão -, são o centro da discussão.

Não obstante, em meio ao acalorado debate, Reluma começa a passar mal, ter crises e dores que vão se intensificando, até que se descobre que está grávida e entrando em trabalho de parto:

**Tradutora:** Meu Deus do céu, como pode?

*Reluma grita. Tuscavo pede calma aos gritos.*

**Tradutora:** (*aos gritos*) Organização!

**Doutor José:** Socorro, este encontro é com a vida! Este encontro é com a vida!

*Revista de Letras Norte@mentos*

**Tradutora:** Uma criança vai nascer neste congresso!

*Silêncio. Reluma grita. Tusgavo fala.*

**Tradutora:** (*grita*) Não tem ninguém da organização aqui?

**Doutor José:** (*para a plateia*) Essa casa está oca, vazia, nenhum manipulador? (*coloca com força as mãos em Tusgavo e diz seriamente*) Ouça, tudo que você disse está aqui. Molha de vida seu conhecimento e faça sua palestra com as mãos!

**Tradutora:** O senhor estuda parto de animais, faça o que deve ser feito! (PASSÔ, 2008, p. 38)

Nesse momento, em meio ao desespero, temos a que, cremos, poderia ser a frase-síntese da peça: “Molha de vida seu conhecimento e faça sua palestra com as mãos!”. Com toda a carga imagética que as falas de Doutor José costumavam ter, essa frase (não traduzida, mas endossada pela tradutora), coloca fim a qualquer persistência argumentativa na obra, convidando os congressistas à prática do que discursam.

O parto é feito e, em volta da mãe e a bebê, os congressistas chegam a um momento de comunhão no qual os conceitos de vida, morte, medo e coragem parecem ter seu sentido compartilhado por todos. Ao fim, não com menor surpresa que o parto, a tradutora começa a morrer. Em nossa leitura, não sem razão simbólica: a palavra, o discurso, o argumento, tornavam-se matérias-primas dispensáveis para a materialização do congresso.

### **Considerações finais**

Não se pretende, com o drama de Grace Passô e Grupo Espanca!, apresentar, *per si*, a negação completa do instrumento da razão e da argumentação, mas, sim, problematiza-se a hegemonia destes, no debate e no diálogo, como ferramentas de busca de consenso entre as personagens. Na constituição dramática, essa hegemonia se questiona, em especial, na impossibilidade de partilhar, discursivamente, os conceitos de “medo”, “coragem”, “vida” e “morte”. O fenômeno se dá não só devido à pertença destes conceitos aos chamados “usos complexos da linguagem”. Este também se alarga devido à pluralidade de visões de mundo ali presentes, representadas por cada uma das *personas* em cena. Considerando a dificuldade, talvez não se pudesse construir - ou, ao menos, sem violência - um consenso discursivo.

*Revista de Letras Norte@mentos*

Com isso, representando o ciclo biológico da vida, a morte da Tradutora, após o nascimento da criança em terra estrangeira, ganha o significado de uma nova possibilidade de tradução das múltiplas realidades em busca de um consenso. Aponta-se para um consenso que não se forja numa batalha racional-argumentativa, mas, sim, a partir experiência compartilhada por meio do *pathos* “molhado de vida”, como prenunciavam as palavras do Doutor José.

Ao que nos parece nessa visada crítica, a peça de Grace Passô e Grupo Espanca!, divide, com a perspectiva de Safatle, o interesse comum de demonstrar certo esvaziamento do discurso tradicionalmente compreendido como racional, questionando o papel da argumentação para a construção de consensos pressupostamente possíveis. A organização formal da peça parece reforçar esse conceito, não havendo protagonista pré-colocado, muito menos uma busca clara por um “objeto-valor”. As personagens nem mesmo compreendem a fundo o motivo para terem sido convidadas. O próprio processo de escrita do drama, como comentado, não parte da palavra para a cena, mas o contrário. Ao fim, cada personagem deixa um presente representativo de seu modo de vida, para a criança. Compreendemos, aqui, esse ato como uma materialização simbólica da busca de uma forma persuasiva que não deseja chegar a um novo senso comum, mas sim estabelecer um ambiente patético (*pathos*) de interlocução, um circuito de novos afetos, em detrimento do ético (*ethos*).

## Referências

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond. Congresso internacional do medo. *In: ANDRADE, Carlos Drummond. Antologia Poética*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1978, p. 108-109.

DERRIDA, Jacques. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

D'OLIVEIRA, Armando Mora. Wittgenstein: vida e obra. *In: WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 5-16.

PASSÔ, Grace. *Congresso internacional do medo*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.

*Revista de Letras Norte@mentos*

SAFATLE, Vladimir. É racional parar de argumentar. *In*: DUNKER, Christian; FUKS, Julián; SAFATLE, Vladimir; TEZZA, Cristovão; TIBURI, Marcia. *Ética e pós-verdade*. São Paulo: Litercultura, 2018, p. 125-136.

Recebido em 28/02/2023

Aprovado em 10/05/2023